

# HERDEIRAS DO MAR, DE MARY LYNN BRACHT: MEMÓRIA, TRAUMA E A DOMINAÇÃO POLÍTICA DO CORPO FEMININO

Lucas de Souza (PPGLEV/UFRJ-CNPq)

## RESUMO

Este artigo tem por intenção analisar a obra *Herdeiras do Mar* e sua relação da escrita fictícia tendo como base um fato histórico. A partir de relatos de pessoas do lugar de origem de sua família, a autora recriou momentos que lhe foram contados, associando-os a personagens que ilustraram os horrores da invasão da Coreia e os abusos sofridos por sua população, em especial as meninas que ficaram conhecidas como ‘mulheres de conforto’. Seguindo as análises de Mbembe em *Necropolítica* (2016), pretende-se ainda verificar como toda essa situação de violência se relaciona com o domínio sobre o corpo feminino como uma ferramenta de colonização hostil e eficiente; e como isso tudo cria traumas e dissolve famílias e comunidades, enquanto elas lutam para manter sua dignidade e cultura vivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Herdeiras do Mar. Mulheres de Conforto. Necropolítica.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the book *White Chrysanthemum* and its fictional writing based on a historical fact. Based on reports from people from her family's place of origin, the author recreated moments that were told to her, associating them with characters that illustrated the horrors of Korea's invasion and the abuses suffered by its population, especially the girls who stayed behind known as 'comfort women'. Following Mbembe's analyzes in *Necropolitics* (2016), it is also intended to verify how this whole situation of violence is related to the dominion over the female body as a tool of hostile and efficient weapon for colonization; and how it all creates trauma and dissolves families and communities as they struggle to keep their dignity and culture alive.

**KEYWORDS:** Comfort Women. Necropolitics. White Chrysanthemum.

## INTRODUÇÃO

A Literatura é onde as histórias do mundo são alocadas de forma a serem revividas, repensadas, analisadas, denunciadas, idealizadas ou tudo isso ao mesmo tempo, de acordo com o ponto de vista e a necessidade narrativa de cada autor.

No romance *Herdeiras do Mar*, da autora Mary Lynn Bracht, somos levados de volta a 1943, quando soldados japoneses ocupam de forma mais efetiva e capturam meninas na ilha de Jeju, Coreia do Sul (na data de hoje. À época, as Coreias ainda não haviam se dividido). Na ilha, moram as irmãs Hana e Emi, e é através das histórias delas que a autora mostra a sua visão sobre a invasão japonesa na península coreana, misturando realidade e ficção.

A partir dessas duas personagens, este trabalho tem por interesse lançar luz na questão das ‘mulheres de conforto’, o trauma da colonização e como isso se relaciona com o domínio de uma nação sobre a outra, pautado, principalmente, nas análises de Achille Mbembe em *Necropolítica* (2016). Além disso, tem por finalidade também focar na relação da memória afetiva entre Hana e Emi que, mesmo separadas fisicamente, nunca deixaram de estar presentes na vida uma da outra.

Assim, este artigo divide-se em 3 partes: uma introdutória; um aprofundamento nos contextos históricos e literários da obra; e uma conclusiva.

## HERDEIRAS DO MAR: HISTÓRIA E LITERATURA

### A AUTORA E O RESUMO DA OBRA

Mary Lynn Bracht é uma escritora com ascendência coreana, nascida na Alemanha, criada nos Estados Unidos e que atualmente mora em Londres, onde concluiu seu Mestrado em escrita criativa. Em 2002, ao visitar o vilarejo da infância de sua mãe, na Coreia do Sul, ela conheceu as ‘mulheres de conforto’, que foram a inspiração para escrever seu primeiro romance: *Herdeiras do mar*, com o título original, em língua inglesa, *White chrysanthemum*.<sup>1</sup>

Na história, quando Hana nasceu, a Coreia já estava sob ocupação japonesa, mas a ilha Jeju ainda não tinha a presença massiva dos soldados nipônicos, apenas era observada a fim de se manter submissa ao Império Japonês, seguindo as tradições deles e, aos poucos, se

---

<sup>1</sup> Essas informações são das páginas da autora no *site* do grupo que a publicou no Brasil e a do seu próprio *site*, e podem ser vistas em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=05644> e <https://marybracht.com/about/>. Acessadas em fevereiro de 2023.

afastando das suas. O trabalho mais comum da ilha era o das mulheres que mergulhavam no oceano, principalmente, em busca de moluscos que seriam limpos e comercializados depois. Esse trabalho que sustentava a população da ilha, era também perigoso e, por isso, Hana fora treinada desde cedo por sua mãe. As mergulhadoras de Jeju eram conhecidas como *haenyeo*, povo tradicional de pescadoras.

Hana era mais velha e, quando não estava no mar, ficava responsável por cuidar de Emiko, sua irmã sete anos mais nova. Em um dia, ao sair do mar, Hana viu a irmã na praia perto de rochas e percebeu que, acima delas, havia um soldado japonês. Sabendo que a presença de soldados representava riscos, ela corre até a irmã a fim de escondê-la da visão do homem. Enquanto esconde Emi, Hana então é vista pelo soldado e tem que convencê-lo que somente ela está ali, enquanto espera ansiosamente pelo retorno de sua mãe do mar, o que demora a ocorrer. Então, o soldado chama por dois companheiros, que a agarram e a levam junto de si.

A partir daí, Hana é levada para um caminhão com outras garotas e é tida como prisioneira do governo japonês, até que um dia é colocada numa casa com outras meninas. Essa casa, assim como diversas outras, é um local estratégico onde soldados japoneses possam parar, descansar, se alimentar e obter sexo. Assim como outras adolescentes coreanas, Hana se tornou, então, uma ‘mulher de conforto’. Com apenas dezesseis anos, ela é submetida a uma condição desumana nesse bordel e no caminho até ele, onde vê outras meninas, muitas mais jovens, morrerem ao seu lado por sofrerem das mais diversas violências.

Enquanto isso, sua família vive enlutada na ilha, sem saber de seu paradeiro, e Emi cresce, sem nunca desistir de se encontrar ou saber o que houve com sua irmã mais velha. A narrativa do livro é então dividida entre as duas. A cada capítulo, descobrimos os acontecimentos com Hana durante o ano de 1943, e como viveu Emi, sempre angustiada com o afastamento brutal da irmã, até 2011, quando finalmente encontra algum tipo de encerramento para a história de sua separação.

## AS ‘MULHERES DE CONFORTO’ E A VIOLÊNCIA SOFRIDA PELOS COREANOS

Assim como Hana, várias outras meninas foram levadas pelo exército japonês para servirem de escravas sexuais. Para Mbembe (2016, p. 131), “no contexto da colonização, figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada”. E, ainda segundo o autor, a caracterização da escravidão a que foram submetidas está baseada em 3 perdas primordiais: a do status político, visto que elas estavam alienadas a tudo; a perda de “um lar”; e a perda do direito sobre seus corpos.

As ‘mulheres de conforto’, como ficaram conhecidas, é a nomenclatura dada a essas garotas como um eufemismo para a brutalidade por trás de sua obrigação imposta nesse período. Rodrigues (2018, p. 2) explica que se estima que a origem desse sistema se deu ainda durante a Guerra Russo-Japonesa (1904 - 1905) a qual as ‘mulheres de conforto’ eram, em sua maioria, japonesas sequestradas por militares e traficantes. Porém, nos anos seguintes, como parte da colonização da Coreia (1910) e da segunda invasão japonesa à China (1937), as políticas dos prostíbulos foram orquestradas e organizadas pelo próprio Estado japonês contra os povos dominados, ou seja, ocorreu o sequestro de mulheres ao redor da Ásia em países como as Filipinas, Tailândia, Taiwan, Indonésia e, o principal de todos, a Coreia.

As meninas eram enviadas para esses bordéis para servirem aos soldados no que eles precisassem, especialmente no âmbito sexual. Enquanto elas eram transportadas, elas nunca sabiam para onde estavam sendo levadas, mas sabiam que dificilmente retornariam para casa.

Uma vez que são levadas, as meninas nunca mais voltam para casa. Seus pais enlutados não recebem nenhuma espada com palavras de apreço. As meninas desaparecem. Só rumores chegam aos lares, rumores que não podem ser compartilhados com as crianças que ficaram (BRACHT, 2020, p. 37).

Essa prática de retirar a menina de sua família e colocá-la à disposição dos funcionários do governo é uma extensão da dominação em tempos de guerra e colonização, que não se atém apenas ao domínio territorial físico. Mbembe (2016, p. 125) vai dizer que isso está ligado à “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações”. Isso significa que havia, como projeto político, o intuito de retirar todos os poderes do povo subjugado, inclusive aquele sobre si mesmo. Vito, *et al.* (2009, p. 35) explicam que o abuso sexual é uma das armas mais destrutivas de um conflito, pois ele tem uma forte capacidade de desmoralizar um grupo conquistado, humilhar, dividir famílias e causar pânico nas pessoas.

Mbembe (2016, p. 131) vai dizer que, como um instrumento de trabalho, o escravizado tem utilidade e é necessário; e que o sentido violento de sua vida “se manifesta

pela disposição de seu supervisor em se comportar de forma cruel e descontrolada, e no espetáculo de dor imposto a seu corpo”.

A porta se abre e ela os vê, soldados enfileirados para conhecer a nova Sakura. Mais tarde Hana descobriria que a chegada de uma nova garota se espalha como um incêndio pelo campo, e todos os soldados aparecem bem cedo, numa corrida para ser o primeiro a prová-la. O primeiro soldado entra em seu quarto. Ele é grande, e suas mãos já estão abaixando a calça. [...] “Como você é bonita”, ele diz, e agarra seu tornozelo. Hana chuta a mão dele, mas isso não o detém. Ele segura seus pés e a desliza do chão até o colchão. [...] Antes que ela possa gritar outra vez, ele já está em cima dela. O peso de seu corpo a esmaga, mas ela se contorce embaixo dele, esmurra suas costas, arranha sua pele e em seguida morde seu ombro. Ele se levanta num breve momento de trégua, e então dá um soco no estômago de Hana. Ela fica sem ar. Ele não espera. Enquanto ela arfa na tentativa de respirar, ele mete a mão entre suas pernas e a penetra à força. (BRACHT, 2020, p. 92-93).

Na história, vemos que Hana é enviada para um bordel na Manchúria. A autora escolhe essa localização pois ela foi um local importante no período em que o Japão tentava dominar os vizinhos. Nam (2018, p. 15) explica que isso se deu pelo fato de a província “ser um ponto geoestratégico para o Império Japonês para as suas intenções no continente asiático, assim como um território fantoche do exército do Japão na defesa da Península da Coreia”.

Além da violência sexual, Hana e sua família já conheciam as outras violências que uma ocupação traz. O apagamento da própria cultura e a substituição pelos valores e práticas culturais do invasor era uma constante em seu cotidiano.

Na praia, algumas mulheres já estão à espera deles. Ela reconhece seus rostos à luz do alvorecer, mas a xamã é uma desconhecida. A mulher sagrada está de vestido hanbok vermelho e azul royal, e assim que eles descem em direção à areia ela começa a dançar. Os vultos amontoados abrem espaço para os movimentos rodopiantes e se reúnem num pequeno grupo, hipnotizados pelo encanto da xamã. Ela entoa uma saudação ao Rei Dragão do Mar, dando-lhe as boas-vindas à sua ilha, seduzindo-o para que viaje através dos portões de bambu em direção às praias tranquilas de Jeju. O sol brilha no horizonte, um ponto de ouro iridescente, e Hana arregala os olhos diante da novidade do dia que está por vir. Trata-se de uma cerimônia proibida, declarada ilegal pelo governo da Ocupação japonesa, mas sua mãe está decidida a realizar um tradicional ritual gut antes do seu primeiro mergulho como uma haenyeo plenamente habilitada. A xamã está pedindo segurança e uma pesca abundante (BRACHT, 2020, p. 9-10).

Hana fala japonês fluente, estuda a história e a cultura japonesas, mas é proibida de falar, ler ou escrever em coreano, sua língua nativa. Ela é uma cidadã de segunda classe em seu próprio país, com direitos de segunda classe (idem, 2020, p. 11).

Essa questão está intrinsecamente ligada ao que Mbembe (2016) adapta do conceito foucaultiano de biopoder: um povo que produz algo e é explorado enquanto se apassiva cada

vez mais politicamente, ou seja, há um apagamento, mas sem que esse povo dominado deixe de ser útil e, aos poucos, deixe de ser um conjunto de sujeitos atores para seres cada vez mais fáceis de se governar. Isso ocorria para demarcar a soberania do Império Japonês. Mbembe (2016, p. 135) entende que “soberania significa ocupação, e ocupação significa relegar o colonizado em uma terceira zona, entre o status de sujeito e objeto”.

## MEMÓRIA E TRAUMA NA OBRA

Paralelamente ao horror causado pelas cenas e descrições das violências que as personagens sofrem na obra, a autora narra também a questão da memória afetiva das irmãs sobre as quais a história discorre, principalmente das suas origens, como parte do povo da ilha de Jeju e das *haenyeo*. Ela explora a parte da memória cultural baseada nos relatos que ela ouviu em 2002, em viagem às terras de sua mãe, como mostrado anteriormente; e também se vale das histórias que ouviu para lembrar do horror das ‘mulheres de conforto’ e todo trauma que isso causou nas gerações que viveram esse período e nas seguintes. Para Sarlo,

A dupla utilização de “lembrar” torna possível o deslocamento entre lembrar o vivido e “lembrar” narrações ou imagens alheias e mais remotas no tempo. É impossível (a não ser num processo de identificação subjetiva inabitual, que ninguém consideraria normal) lembrar em termos de experiência fatos que não foram experimentados pelo sujeito. Esses fatos só são “lembrados” porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, política e até familiar (a lembrança em abismo: “lembro que meu pai lembrava”, “lembro que na escola ensinavam”, “lembro que aquele monumento lembrava (SARLO, 2007, p. 90).

Portanto, a memória na escrita pode se dar, nas palavras de Santos (2013, p 20), “a partir da interação do artista com a realidade social, atrelada a fatores históricos, culturais e políticos que se interpenetram por uma intrincada teia de relações”. Assim, “o escritor agencia memórias ou, como queira, informações, lembranças, carências, desejos, por meio de suas leituras de mundo”. Dessa forma, a autora se vale de sua leitura histórica do ocorrido para demonstrar quão valiosa era a afetividade das irmãs por seu local e cultura de origem.

A nostalgia causada pelas lembranças do passado de uma vida tranquila, de muito trabalho, paz e liberdade como parte das mulheres mergulhadoras, faz com que Emi e Hana sofram, cada uma da sua forma e dentro de sua respectiva realidade.

Como Hana não tem nenhum contato com sua família, ela é forçada a tentar sobreviver ao trauma sem o apoio de membros de sua comunidade. Em contraste, Emi inicialmente ainda pode contar com o que resta de sua família e também com seus filhos posteriormente na narrativa. No entanto, o fardo de ter sua irmã tirada

dela segue Emi, pois ela não consegue processar o trauma da perda. Consequentemente, ela é incapaz de compartilhar suas memórias e as reprime, o que funciona como um mecanismo de defesa (IHALAINEN, 2021, p. 32 – tradução nossa).<sup>2</sup>

Esse comportamento de Emi, que acaba a afastando de seus filhos em alguns momentos, criando um distanciamento emocional entre eles, é chamado por Ihalainen (2021, p. 22) de ‘trauma cultural’, que é explicado como um processo em que todo um grupo social é afetado, e não apenas o indivíduo desse grupo que sofreu o evento violento. Assim, todo o povo *haenyeo* sofreu com a retirada das meninas da ilha que, além de significar uma retirada cruel de jovens de suas famílias, significava também o afastamento de integrantes das mergulhadoras que renovariam e manteriam viva a cultura desse grupo.

*“Ela está com muitas doenças e enlouqueceu por causa dos estupros”, disse uma das mulheres, alcançando os ouvidos de Hana. Ela não sabia o que a palavra significava. Inclinou-se, esperando que a mulher explicasse. “O pai precisou escondê-la dentro de casa. Ela está selvagem agora... como um animal.” A outra mulher balançou a cabeça com tristeza. Baixou os olhos. “Ninguém vai aceitá-la agora, nem se ela conseguir melhorar. Pobre menina.” “Sim, pobre menina, e pobre pai. A vergonha irá persegui-lo até sua morte precoce.” “Um fardo tão pesado para ele (BRACHT, 2020, p. 37-38).*

O trauma, portanto, carrega, junto de si, a vergonha. Dos que viveram, por se sentirem culpados; dos que foram capturados, por se sentirem tão impotentes perante a ação do dominador.

*“Por que você não nos contou nada disso antes?” [...]. Emi finalmente responde ao filho. “Eu não podia suportar o fardo da minha vergonha.” “Sua vergonha?” Sua filha encontra repentinamente a voz. “Mãe, você não tem nada de que se envergonhar.” [...]. “Vocês não podem entender, eu sei”, diz Emi suavemente. “Mãe”, sussurra YoonHui. “Nós queremos. Ajude-nos a entender.” Emi não consegue olhar para eles. [...]. Ela precisa de toda a sua força de vontade para conseguir falar. “É a minha vergonha”, diz Emi, cada palavra mais sofrida que a anterior. Seu coração dói. “Não, a vergonha é deles... dos japoneses”, sua filha diz numa estranha voz aguda que Emi não reconhece. “São eles que devem sentir vergonha pelo que fizeram, não você.” Emi encunga os olhos com as costas de sua mão trêmula. Ela olha para o teto e espreme os olhos antes de confessar o segredo mais profundo e sombrio de seu coração. Um segredo que ela jamais confessou para si mesma, nem mesmo no silêncio de sua mente. “Eu me agachei embaixo da rocha naquele dia e deixei que a levassem em meu lugar. Ela se ofereceu em sacrifício para me salvar... e eu deixei. É por isso que eu nunca consegui contar para vocês... ou para ninguém. Eu tinha vergonha da minha covardia.” (BRACHT, 2020, p. 201-202).*

---

<sup>2</sup> As Hana does not have any contact to her family, she is forced to attempt to survive trauma without support from members of her collectivity. In contrast, Emi is initially able to rely on what is left of her family and also on her children later in the narrative. Yet, the burden of having her sister taken away from her follows Emi as she cannot process the trauma of losing. Consequently, she is unable to share her memories and represses them, which acts as a defense mechanism (IHALAINEN, 2021, p. 32).



## O RECONHECIMENTO ÀS “MULHERES DE CONFORTO”: A LITERATURA DENUNCIANDO O MUNDO

Segundo Bracht (2020, p. 291-292), “alguns historiadores acreditam que entre cinquenta mil e duzentas mil mulheres coreanas foram sequestradas, enganadas ou vendidas como escravas sexuais para o uso dos militares japoneses” no período de colonização que o país sofreu. Mesmo assim, muitas das sobreviventes não tiveram a coragem ou mesmo o direito de contar tudo pelo que passaram, porque “a Coreia era uma sociedade patriarcal baseada na ideologia confuciana, e a pureza sexual de uma mulher era da mais suma importância”.

Como Mbembe (2016, p.146) assevera, viver sob ocupação significa “experimentar uma condição permanente de ‘viver na dor’”. Essa ocupação, com o passar do tempo, deixa marcas, e a sensação de estar sempre sob o sofrimento não encontra nenhuma solução, mas ainda assim há uma busca para sua atenuação, que seria a responsabilização dos culpados.

Por isso existem, ainda hoje, relações complicadas entre os governos japonês e coreano em relação ao reconhecimento dos crimes de guerra cometidos durante a invasão da península coreana. Segundo Nam (2018, p.22), o governo japonês criou, em 1995, um fundo para indenizar as ‘mulheres de conforto’. Porém, esse fundo seria recolhido dos próprios contribuintes japoneses e, do outro lado, o governo coreano não consultou as vítimas sobre sua concordância com os termos do “pedido de desculpas” ou o valor de tal indenização. Assim, essa negociação não chegou a ser vista como um reconhecimento claro do governo japonês pelos crimes de guerra cometidos nem pelos familiares das vítimas, nem pela comunidade internacional.

Em 2011, foi colocada, em frente à embaixada do Japão na Coreia do Sul, uma estátua que simbolizava as mulheres escravizadas e abusadas. A “Estátua da Paz” ou “Estátua de uma Rapariga” tem cerca de um metro e meio de altura, é apoiada por uma plataforma de mármore e foi patrocinada pelo Conselho Coreano de Apoio às Vítimas da Escravidão Japonesa (AZENHA, 2017, p. 11). Ela foi colocada ali como um lembrete de que alguma responsabilização ainda deveria ser assumida.

É essa estátua que Emi, mesmo debilitada, pede aos filhos para levá-la para ver. Ela precisava olhar para aquela imagem, que simbolizava Hana, para sentir que a memória do horror de sua irmã permaneceria viva, ainda que os responsáveis negassem o que fizeram. Para Seligmann-Silva (2010, p. 183), “o genocida sempre tenta impedir as narrativas do terror

e qualquer possibilidade de vingança. Os algozes sempre procuram também apagar as marcas do seu crime”. Dessa forma, há uma tentativa de desacreditar a vítima, pois, “esta é uma questão central, que assombra o testemunho do sobrevivente em mais de um sentido. Em primeiro lugar, porque o sobrevivente vive o sentimento paradoxal da culpa da sobrevivência”.

Ao fazer, na narrativa, com que a estátua seja produzida a partir da foto que bateram de Hana no dia que ela chega ao cárcere na Manchúria, a autora dá vida àquele objeto inanimado, fazendo com que o leitor possa entender, de certa maneira, o tamanho do significado que aquela estátua tem, associando-a com a personagem que acompanhou sofrer tanto.

Assim, o enredo vai ao encontro do que diz Sartre (2004, p. 120), quando afirma que “a literatura é, por essência, a subjetividade de uma sociedade em revolução permanente. Numa tal sociedade ela superaria a antinomia entre a palavra e a ação”. Nesse momento, vemos um fato histórico se transformar na obra, enquanto sentimos as emoções de Emi. Entretanto, Sartre (2004, p. 120) complementa dizendo que “é falso que o autor aja sobre os leitores, ele apenas faz um apelo à liberdade deles e, para que suas obras surtam qualquer efeito, é preciso que o público as assumam por meio de uma decisão incondicionada”. Isso significa dizer que “a obra escrita pode ser condição essencial da ação, ou seja, o momento da consciência reflexiva”.

*Emi não responde à filha. Apenas segue em frente. Ela precisa ver. Não sabe por que é tão importante ver a estátua, mas de repente é tomada por uma determinação de pousar os olhos sobre ela. Ela passa pelas pessoas, costurando um caminho em meio à aglomeração com os olhos fixos na direção do vulto de bronze. A multidão parece derreter com seu toque, como se eles também sentissem sua determinação. Ela flui pelas pessoas sem dificuldade até chegar em frente à estátua. Emi está sem fôlego depois de ter avançado em meio a tanta gente. O ar fino de inverno está gelado em seus pulmões arfantes. Ela está face a face com a escultura em tamanho natural de uma garota que não parece ter mais de dezesseis anos, sentada sozinha ao lado de uma cadeira vazia, com as mãos fechadas postadas cuidadosamente sobre o colo, os olhos fixos à sua frente, indo de encontro aos de Emi. Ela suspira, agarra o coração e cai de joelhos. Hana...* (BRACHT, 2020, p. 155).

Essa estátua e todo o movimento das sobreviventes e dos familiares das mulheres vítimas que morreram antes de 2011 simboliza, também, a coragem finalmente encontrada para falar os horrores e denunciar para o mundo o que por tanto tempo ficou ignorado. Para Sarti (2011, p.57), “a dor da violência, como experiência traumática, pode ser ressignificada em momentos posteriores de elaboração, o que torna relevante o contexto de sua manifestação e o de sua elaboração, a partir do discurso de quem fala”. E foi assim que *Herdeiras do Mar* foi escrito: trazendo os relatos que precisavam ser ouvidos. A autora

completa afirmando que “essa perspectiva implica discutir as condições de possibilidade de elaboração das experiências de dor e sofrimento”, e que elas serão articuladas, então, a partir de aspectos subjetivos e contexto social e político, de forma a buscar o que permite falar ou o que faz silenciar; ou ainda, o que é permitido vir à tona e o que é deixado na sombra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mary Lynn Bracht, ao escrever sobre as histórias dessas irmãs, baseadas em testemunhos reais de vítimas da ocupação japonesa na Coreia, traz visibilidade para um assunto que, por muito tempo, ficou no rodapé da História. Ela se vale da Literatura para narrar horrores, sem se desvencilhar da beleza por trás do afeto fraterno e da memória cultural que mantém vivos, por muitas gerações, grupos tradicionais nas mais diversas culturas. A violência do conquistador encontra resistência na esperança do conquistado: a resiliência de Emi e Hana; e a força de vontade para que uma conseguisse escapar da prisão física e a outra da prisão do passado, da memória envergonhada, do trauma da separação.

Nas palavras de Pietrani (2011, p. 124), “a Literatura não jogará o lixo para debaixo do tapete: é na observação do feio, do perverso, do monstruoso que – *desassossegadamente* – se mostrará o belo da arte, e será na sua desarmonia que aparecerá a harmonia”. Assim, a importância dessa obra está pautada no ensejo que muitos autores têm de levar informações e histórias desconhecidas ou pouco conhecidas para que leitores possam se conscientizar sobre elas e, a partir daí, criar vínculos e se identificar, ou apenas se solidarizar com a narrativa dos personagens.

Dentro de um contexto histórico, *Herdeiras do Mar* vem para somar nos relatos e reflexões daqueles que clamam por justiça pelas ‘mulheres de conforto’. No contexto literário, a obra vem para engrandecer a nossa leitura de mundo, que nos causa incômodos e indignação pela violência tão graficamente detalhada, assim como nos propicia algum conforto ao ver que a força e a persistência de Hana lhe possibilitaram algumas alegrias após sua liberdade e que Emi, mesmo tão fragilizada, conseguiu constituir uma família que foi o seu maior apoio no desfecho de sua busca pela irmã.

*O chamado do mar a domina e o bloqueia de sua mente. Ela não sente nenhum constrangimento pela nudez, apenas um impulso em direção à água [...]. Corre para dentro do lago e arfa enquanto a água fria arranca o ar de seus pulmões [...]. Os instintos começam a fazer efeito e logo ela está mergulhando bem abaixo da superfície e desaparece nas profundezas sombrias. [...] Hana pressiona os pés contra o solo úmido do lago e se impulsiona para cima, seguindo o rastro das bolhas em ascensão (BRACHT, 2020, p. 289).*

## REFERÊNCIAS

AZENHA, Tatiana Sofia Fonseca. **Para além do silêncio: o sistema de conforto e o papel dos movimentos feministas na questão das mulheres de conforto na Coreia do Sul (1905–2015)**. Tese de Doutorado. Tese de Mestrado). Faculdade de Ciências Humanas, Mestrado em Estudos Asiáticos, 2017.

BRACHT, Mary Lynn. **Herdeiras do Mar**. Trad. Julia de Souza. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2020

IHALAINEN, Anne-Mari Elina. **"Nearer to the grave than to memories of home": Cultural Memory in Mary Lynn Bracht's White Chrysanthemum**. Dissertação de Mestrado. School of Humanities, University of Eastern Finland, 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. (Tradução de Renata Santini) **Arte & ensaios**, v. 2, n. 32, p. 122-151, 2016.

NAM, Sun Young. **As relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e o Japão: o caso das 'Mulheres de Conforto' da Coreia**. Tese de Doutorado. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2018.

PIETRANI, Anélia Montechiari. Um espaço (ainda) para o afeto, a utopia, a literatura. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, v. 9, p. 116-128, 2011.

RODRIGUES, Alicia. **A questão da escravidão sexual militar japonesa antes e durante a segunda guerra mundial: intersecção entre poder colonial, gênero e classe**. Rio de Janeiro: Faculdade de Relações Internacionais FCH/UFRJ, 2018.

SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. **Literatura e memória entre os labirintos da cidade: representações na poética de Ferreira Gullar e H. Dobal**. Tese de doutorado. FL/UFPE, 2013.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARTI, Cynthia. A vítima como figura contemporânea. **Caderno crh**, v. 24, p. 51-61, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. **Metamorfoses-Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros**, v. 10, n. 2, p. 176-203, 2010.

VITO, Daniela de; GILL, Aisha; SHORT, Damien. A tipificação do estupro como genocídio. **Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 6, p. 28-51, 2009.